

# EVOLUÇÃO DA ARTE DA GUERRA, AS OPERAÇÕES NO AMPLO ESPECTRO, AS FORÇAS DE OPERAÇÕES ESPECIAIS E OS CONFLITOS DO SÉCULO XXI

General de Brigada Alvaro de Souza Pinheiro

O General de Brigada Alvaro, reformado, comandou as Forças Especiais do Exército Brasileiro, foi oficial de ligação no US Army Combined Arms Center, Fort Leavenworth, Kansas, comandou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e foi o 3º Subchefe do Estado-Maior do Exército (Doutrina e Planejamento Estratégico). É especialista em operações especiais, guerra irregular e combate ao terrorismo, tendo publicado diversos trabalhos, no Brasil e no exterior. É professor emérito da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, analista não residente e membro do conselho editorial da Joint Special Operations University, MacDill Air Force Base, Tampa/Florida e membro honorário da Associação de Comandos de Portugal, sendo assíduo colaborador de sua Revista "Mama Sumé" (pinheiroafe@gmail.com).



"As forças terrestres combinam operações ofensivas, defensivas e de estabilidade ou de apoio civil, simultaneamente, como parte de uma força conjunta interdependente, para conquistar, manter e explorar a iniciativa, aceitando prudentemente o risco, na criação de oportunidades para atingir resultados decisivos. Empregam ações sincronizadas – letal e não letal – proporcionais à missão, conscientes por meio de um completo entendimento de todas as variáveis do ambiente operacional." *US Army's Operational Concept - Full Spectrum Operations, FM 3-0, "OPERATIONS", 27 February 2008.*

Ao longo das crises e conflitos dos anos 1990, analistas dos cinco continentes foram unânimes em constatar que os Estados Unidos da América (EUA) alcançaram vantagens altamente competitivas no contexto de tecnologias de ataque de alta precisão, da informação e das comunicações, trazendo à tona o que se denominou de revolução nos assuntos militares (*revolution in military*

*affairs - RMA*). Entretanto, esta revolução negligenciou muitas das continuidades do conflito armado e ignorou as limitações das novas tecnologias e das emergentes capacitações militares. Em particular, conceitos que se baseavam na capacidade de destruir alvos inimigos com munições de grande precisão, a longa distância, isolaram a condução da guerra dos seus contextos políticos, culturais e psicológicos, negligenciando, sobretudo, a evolução da guerra irregular, hoje, mais do que nunca, caracterizada pela violência extremista.

## A EVOLUÇÃO DA ARTE DA GUERRA

A literatura que examinava a *RMA* e o movimento identificado como transformação na defesa (*defense transformation*) fundamentava-se na crença de que as tecnologias da vigilância, das comunicações e da informação implementariam dramaticamente o conhecimento do espaço da batalha (*battle space knowledge*) eliminando de qualquer oponente, a ameaça da surpresa, e permitindo às forças armadas dos EUA a plena consecução da dominância no amplo espectro (*full spectrum dominance*) por meio do emprego de tecnologias de alta precisão.

Conceitos e ideias rotuladas como operações de choque e espanto (*shock and awe operations*) operações decisivas rápidas (*rapid decisive operations*) e guerra rede-cêntrica (*network centric warfare*) fundamentaram a aplicação de capacitações que possibilitariam vencer as guerras rapidamente e a um mínimo custo em baixas. A *RMA* e o pensamento estratégico relacionado com a *defense*

*transformation* influíram significativamente na doutrina militar terrestre, sua organização e sua modernização.

Entretanto, as crises e conflitos do Século XXI, bem como as mais bem fundamentadas análises dos futuros ambientes operacionais e das ameaças emergentes, ressaltaram, sobretudo, as idiosincrasias do conflito armado terrestre e a imprescindível necessidade de as forças terrestres combaterem sob condições de plena incerteza e complexidade. Essa concepção reconhece que a natureza do conflito armado permanece firmemente baseada na incerteza devido, sobretudo, à natureza essencialmente política da guerra, suas dimensões humanas, sua complexidade e as contínuas interações com inimigos determinados e altamente adaptáveis; via de regra, forças irregulares que passaram de meros coadjuvantes a exercer, com eficiência e eficácia ímpares, o protagonismo das ações.

Na atualidade, verifica-se que as forças irregulares buscam permanentemente o desenvolvimento de contra-medidas de vigilância, inteligência tecnológica e de ataque de alta precisão. Este pensamento estratégico não considera apenas a interação com o inimigo por ocasião da eclosão de conflitos armados, mas, também, a interação com potenciais oponentes nos períodos entre conflitos. Todas essas premissas são fundamentalmente consideradas na ativação do conceito das operações no amplo espectro.

Seguindo-se aos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, as forças terrestres dos EUA e dos países da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) mudaram o foco do seu preparo das operações de

combate de vulto (*major combat operations* - *MCO*) para a denominada guerra global contra o terror, *global war on terror* (*GWOT*). As ações iniciais tanto no Teatro de Operações (TO) do Afeganistão (*Operation Enduring Freedom*) quanto do Iraque (*Operation Iraq Freedom*) demandaram capacidades de unidades e grandes unidades bem adestradas nas tarefas de combate tradicional que caracterizam as operações de combate de vulto. Brigadas (*brigade combat teams* - *BCT*) de infantaria leve e blindadas conduziram missões de conquista e manutenção de terrenos sob controle hostil, destruindo as forças oponentes que as ocupavam. Tudo com

o objetivo de controlar populações e recursos.

Entretanto, na medida em que a progressão da *GWOT* mudou o espectro das ações a realizar das *MCO* iniciais para operações típicas de guerra irregular (*irregular warfare* - *IW*), as forças terrestres engajadas naqueles TO foram levadas a cambiar sua performance de tarefas eminentemente tradicionais de combate convencional para aquelas de *IW*, destacando-se a

impositiva demanda pelas operações de estabilidade (*stability operations*) em ambientes operacionais não lineares ou assimétricos caracterizados pela presença marcante de forças irregulares hostis e, também, não raro, forças irregulares aliadas.

Em julho de 2008, autoridades da cúpula do Exército dos EUA (*US Army*) concluíram que a imperiosa necessidade de um preparo específico para confrontar, eficiente e eficazmente, as ameaças não convencionais, não necessariamente significava reduzir as capacidades das operações ofensivas

**A consecução dos objetivos nos ambientes operacionais do futuro não dependerá apenas do uso da força letal; mas, também, de quão rapidamente um estado de estabilidade será alcançado, o que caracterizará a pacificação. A morte e a destruição decorrentes ...**

e defensivas convencionais; muito pelo contrário. Perspectivas de futuros ambientes operacionais, muito bem fundamentadas, ratificam que forças irregulares de diferentes matizes, cada vez mais terão acesso ao domínio de capacitações militares convencionais altamente sofisticadas.

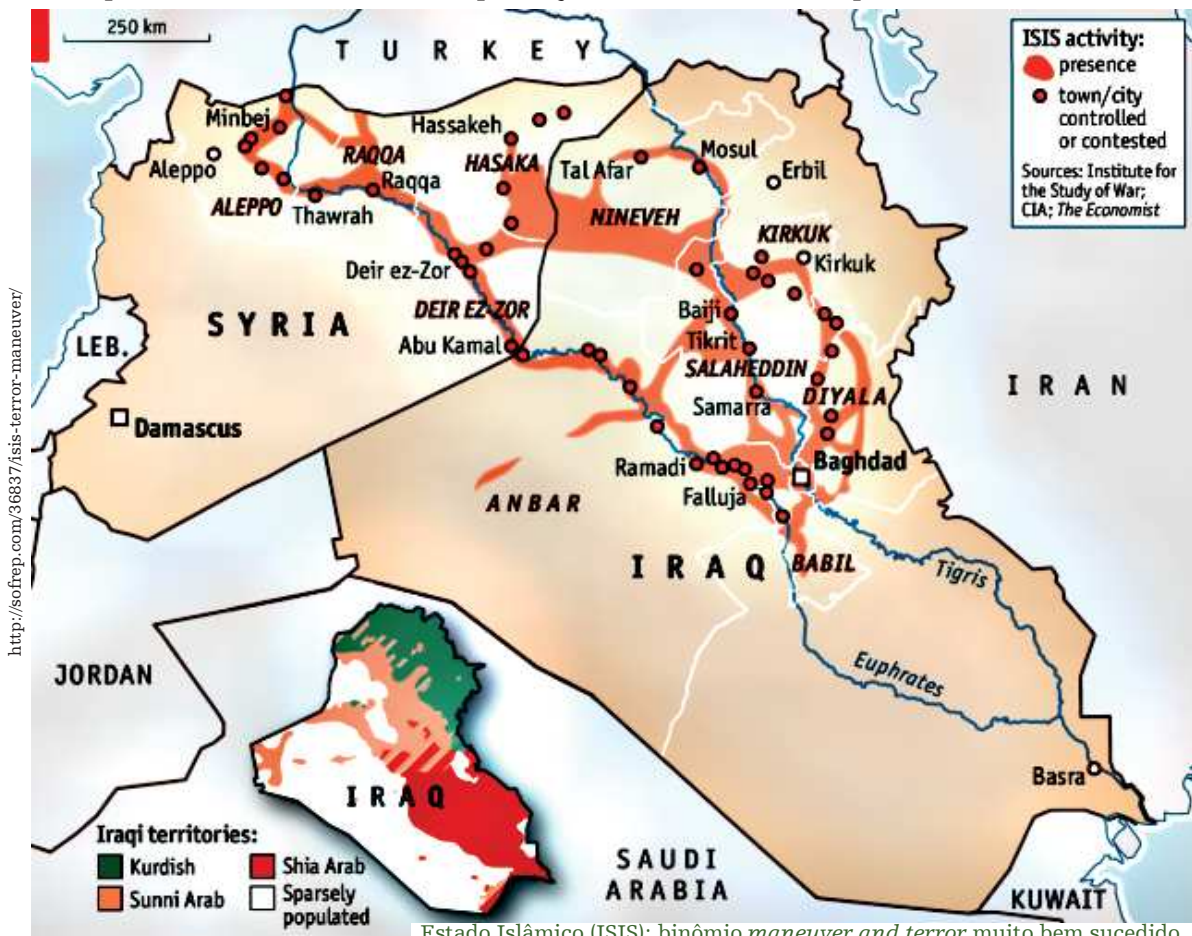
Um exemplo dessa verdadeira evolução da guerra irregular são organizações como o *Hezbollah* e o *Hamas* que, na atualidade, no sul do Líbano e na Faixa de Gaza, respectivamente, estão desafiando forças regulares do mais alto nível de preparo e emprego, como é o caso das forças de defesa de Israel (*Israel defense forces - IDF*), com performances ineditamente bem sucedidas.

E, nesse contexto, na atualidade, há que se ter em mente a contundente revolução na guerra irregular efetuada pelo Estado Islâmico (*Islamic State of Iraq and Syria - ISIS*) que, dotado de uma inédita capacitação

convencional de grande poder relativo de combate, jamais atingido por qualquer força irregular do planeta, está desenvolvendo uma campanha de conquista e manutenção de objetivos de alto valor estratégico ao longo dos corredores de mobilidade balizados pelos Rios Eufrates e Tigre, nos territórios do Iraque e da Síria. Tudo, empregando de forma altamente criteriosa e contundentemente bem sucedida o binômio manobra e terror (*maneuver and terror*).

Nesse contexto, além do impositivo e urgente adestramento extremamente atual, referente às operações de contrainsurreição, as unidades operacionais, sejam elas de combate, apoio ao combate ou de apoio logístico, também não podem deixar de possuir as capacidades para as operações de combate de maior vulto e para as operações de intervenções limitadas.

Focado nessas premissas, fundamentou-se



Estado Islâmico (ISIS): binômio *maneuver and terror* muito bem sucedido.

o conceito das operações no amplo espectro (*full spectrum operations*) no qual a força terrestre combina simultaneamente, no mesmo ambiente operacional, o planejamento e a execução simultânea de operações ofensivas, defensivas, de estabilidade ou de apoio civil.

Dessa forma, as operações ofensivas e defensivas focarão a derrota do inimigo em presença, regular, irregular ou a combinação de ambos, no ambiente operacional; ao mesmo tempo em que a força terrestre deverá planejar e executar operações de estabilidade ou de apoio civil, visando produzir uma proteção eficiente e eficaz, uma interação altamente positiva com a população civil não combatente, com as autoridades locais, e as múltiplas agências governamentais e não governamentais, em presença. Há que se ter sempre em mente que, quando em presença de forças irregulares aliadas, um hercúleo esforço deverá ser empreendido visando ao seu efetivo emprego na neutralização das suas coirmãs oponentes, oportunidade em que as forças de operações especiais (FOpEsp) tornam-se indispensáveis. Tudo num controvertido ambiente eminentemente multidisciplinar interagências.

### **FUTUROS AMBIENTES OPERACIONAIS**

No seu mais moderno entendimento doutrinário, um ambiente operacional é o complexo de condições, circunstâncias e influências relacionadas aos fatores da decisão (missão, inimigo, terreno e condições meteorológicas, meios, tempo e considerações civis), que afetam o emprego de forças militares e fundamentam os processos decisórios dos comandantes em todos os escalões.

A consecução dos objetivos nos ambientes operacionais do futuro não dependerá apenas do uso da força letal; mas, também, de quão rapidamente um estado de estabilidade será alcançado, o que caracterizará a pacificação. A morte e a destruição decorrentes das

condições do ambiente operacional e do próprio conflito criarão graves crises humanitárias. Devido à alta letalidade e ao longo alcance dos avançados sistemas de armas e à tendência das forças regulares e irregulares, estas inferiores em poder de combate, de operar no seio das populações, a ameaça à integridade dos combatentes e não combatentes será muito maior do que no passado.

Atores estatais e não estatais hostis empregarão toda e qualquer opção política, militar, psicossocial, econômica e científico-tecnológica disponível. Além dos ambientes operacionais urbanos e suas periferias, serão principais cenários de sangrentos embates, o espaço cibernético constituir-se-á no cenário de ataques de redes computadorizadas, que, já na atualidade, confirmam sua transnacionalidade, e que poderão, num futuro próximo, atacar qualquer local, a qualquer hora, com significativa probabilidade de sucesso.

Com exceção das cibernéticas, todas as demais operações serão desenvolvidas em meio às populações civis não combatentes e essas populações serão o foco das operações (*populations centric warfare*). E seus resultados serão basicamente avaliados em função de seus efeitos sobre essas comunidades. É a relevância do chamado terreno humano (*human terrain*) maximizando suas exponenciais condições, que não raro sobrepujam as do terreno topotático, sobretudo, nas repercussões originadas de diferenças político-ideológicas, culturais, étnicas e religiosas; tudo contribuindo para uma maior complexidade do ambiente operacional.

Os futuros ambientes operacionais permanecerão extremamente fluidos. Coalizões, alianças, parcerias e os atores protagonistas mudarão constantemente. Operações conjuntas (com componentes de diferentes forças singulares), combinadas (com componentes de diferentes países) e

interagências serão indispensáveis para fazer face a esse complexo espectro de atores. As redes internacionais de notícias, valendo-se de novas tecnologias da informação e das comunicações, serão altamente independentes para acessar os ambientes operacionais, monitorando os diversos eventos, em tempo real, ao vivo e em cores.

O sigilo será difícil de se manter, tornando as operações de segurança e a contrainteligência mais vitais do que nunca. Os centros urbanos densamente povoados e suas periferias tornar-se-ão centros de gravidade e áreas de homizio de potenciais ameaças. Os ambientes operacionais do futuro serão interconectados, dinâmicos e extremamente voláteis.

As operações no amplo espectro envolvem uma contínua interação entre forças amigas e múltiplos grupos numa área operacional. Além do contato com o inimigo e com a população local, a força terrestre terá que gerenciar relações com parceiros multinacionais, autoridades civis, líderes empresariais e outras agências civis governamentais e não governamentais. Esta interação é simples no conceito, porém, extremamente complexa na

aplicação. Não raro, inimigos organizados e adversários de diferentes matizes poderão constituir elementos competitivos múltiplos. Autoridades civis estarão num contexto que abrange lideranças político-estratégicas, governantes locais e líderes religiosos.

A população civil, hoje identificada como terreno humano, poderá incluir grupos tribais, étnicos, religiosos e de diferentes origens nacionais. Nesse contexto, a força terrestre deverá estar pronta para conduzir operações de estabilidade, fora do território nacional, ou de apoio civil, dentro dele; ambas conduzidas com muitas similaridades.

O conceito operacional das operações no amplo espectro enfoca muito mais do que a confrontação com elementos hostis. Está, sobretudo, fundamentado nas consequências de as operações serem desencadeadas em meio a populações. Ou seja, o fundamento básico é que não basta derrotar militarmente os oponentes; é impositivo que, simultaneamente, as condições civis sejam formatadas. Assim, as operações ofensivas e defensivas neutralizam o inimigo enquanto as de estabilidade ou de apoio civil formatam as condições de proteção aos civis – cumprimento



Foto: arquivos do autor

6º Batalhão de Infantaria Leve (Aeromóvel) garantindo a ordem em Salvador-BA.

da missão de pacificação. O conceito ganha relevância quando, já na atualidade, está suficientemente demonstrado que vencer as batalhas continua sendo importante, porém, pode não ser decisivo. Para a consecução do sucesso da campanha, tão relevante quanto, torna-se fundamental administrar as considerações civis e os assuntos civis (assuntos de governo), de forma integrada com as organizações civis governamentais e não governamentais, autoridades civis e com as forças multinacionais. Tudo num contexto de cooperação civil militar (*civil-militar co-operation - CIMIC*).

### TIPIFICAÇÃO DAS AMEAÇAS

Estados nacionais, atores transnacionais e entidades não estatais continuarão a desafiar e a redefinir a distribuição global do poder, o conceito de soberania e a natureza da guerra. O preparo para gerenciar essas fontes de ameaças demandam o emprego de todos os instrumentos do poder nacional: político, militar, psicossocial, econômico e científico-tecnológico. As ameaças podem ser enquadradas em quatro categorias de desafios: tradicional (*traditional*), irregular (*irregular*), catastrófico (*catastrophic*) e perturbador (*disruptive*). Embora essa tipificação contribua para orientar as ameaças que a força terrestre terá que enfrentar, na verdade, essas categorias não definem a natureza de um oponente; tendo em vista que potenciais inimigos poderão empregar qualquer uma, ou uma combinação de todas, para a consecução de seus objetivos estratégicos desejados.

As chamadas ameaças tradicionais são oriundas de Estados nacionais que empregam reconhecidas capacitações militares convencionais como formas de confrontação militar e conflito. No passado, os Estados nacionais, como os EUA e a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), otimizavam suas forças armadas para fazer face a ameaças dessa natureza. Tendo

permanecido como a única superpotência hegemônica, os EUA tornaram-se detentores únicos de uma absoluta preponderância de poder militar convencional e nuclear. Todavia, essa realidade não lhes garante a manutenção de um *status quo*. Suas autoridades de segurança e defesa reconhecem que, uma vez não funcionando a dissuasão, necessário se torna capacitar-se para enfrentar a combinação de um inimigo convencional decisivamente reforçado por forças irregulares.

As ameaças irregulares são aquelas adotadas por um inimigo empregando métodos e meios assimétricos e não convencionais, para fazer face às tradicionais vantagens de um oponente, detentor de um poder de combate significativamente superior. O contendor mais fraco, frequentemente, usa a guerra irregular para exaurir a vontade política do mais forte, por meio de um prolongado conflito não convencional.

A guerra irregular compreende, dentre outras, a insurreição, a guerra de guerrilhas e, sobretudo, o grande flagelo que se constitui, hoje, na maior ameaça à paz e à segurança internacionais – o terrorismo transnacional contemporâneo, que diferentemente do terrorismo clássico da guerra fria deixou de ser um instrumento tático local para transformar-se num instrumento estratégico global de projeção de poder. Iniciativas culturais, informacionais (tecnologia da informação), políticas e econômicas são usualmente empregadas como reforço das ações irregulares. O terror como um fim em si mesmo, fundamento básico da violência extrema, exacerbada pelas conexões com o crime organizado, tudo permeado pela sombra da macabra ameaça dos atentados terroristas suicidas perpetrados por fanáticos muito bem adestrados (*foreign fighters lone wolves*). Não existe mais lugar seguro no mundo!

As ameaças catastróficas envolvem a aquisição, posse e uso das armas químicas,

biológicas, radiológicas, e nucleares (OBRN). Na atualidade, são universalmente identificadas como armas de destruição em massa (*weapons of mass destruction*). A posse de tais meios proporciona ao inimigo a possibilidade de desencadear efeitos súbitos e absurdamente catastróficos. A proliferação dessas tecnologias transformou-se num verdadeiro pesadelo para a maioria dos sistemas de inteligência do mundo ocidental pelo temor de sua posse por organizações terroristas que as ambicionam ostensivamente. Tudo numa realidade bem mais ameaçadora do que no passado. As operações especiais de neutralização dessa proliferação são identificadas como operações de contra proliferação (*counter proliferation – CP*).

As ameaças perturbadoras são aquelas em que um inimigo usa novas tecnologias que, direta ou indiretamente, negam ou reduzem as vantagens do oponente de maior poder de combate, em temas operacionais fundamentais; sobretudo, no que se refere à execução de ataques cibernéticos, tecnologia da informação e ataques com mísseis de diversificadas especificidades.

### **NATUREZA DO FUTURO CONFLITO**

A concepção das operações no amplo espectro preconiza que as ameaças serão altamente adaptáveis aos ambientes operacionais em presença. O inimigo vai caracterizar-se por utilizar uma combinação de forças regulares e irregulares, cujas operações serão mais sofisticadas, empregando táticas convencionais e não convencionais, inclusive, peculiares ao crime organizado; tudo visando a alienar forças legítimas da população, maximizando condições de instabilidade e utilizando todos os meios possíveis para expandir as operações locais. O emprego da tecnologia da informação na divulgação da propaganda, o relevante papel da mídia e a exploração de infraestruturas políticas e sociais serão

exploradas ao máximo na consecução de seus objetivos.

Os conflitos do futuro serão desenvolvidos no seio das populações, ao invés de ao seu redor, o que maximiza a relevância das operações conduzidas em ambiente operacional urbano densamente povoado e a permanente preocupação com as considerações civis e o terreno humano. Tais condições impõem uma radical mudança na forma como a força deve ser empregada. O inimigo vai procurar mascarar suas atividades e valer-se dos recursos e áreas de homizio disponíveis, misturando-se à população local. Consequentemente, a luta pelos corações e mentes ganha uma preponderância ímpar, pois sem o apoio da população torna-se impraticável a neutralização das ameaças em presença. A guerra continuará sendo uma batalha de vontades, cuja situação final desejada será o controle da população e seus recursos. As operações psicológicas ganham uma relevância ímpar nesse cenário.

A adoção do conceito das operações no amplo espectro preconiza que as ameaças e, consequentemente, a concepção de emprego da força terrestre sofreu uma significativa mudança, o que impõe que as suas missões e capacitações sejam modificadas. Um aspecto a se ter sempre em mente é que a força terrestre não pode preparar-se para a guerra passada. Indubitavelmente, há um consenso global que, a partir de agora, todas as operações devem ser consideradas como no amplo espectro. Portanto, há que se considerar, impositivamente, a necessidade do preparo e emprego simultâneo das operações ofensivas e defensivas com as operações de estabilidade ou de apoio civil. De acordo com as suas peculiaridades, os ambientes operacionais em presença determinarão que tipo de operação deverá preponderar numa determinada fase, se as ofensivas, as defensivas, ou as de estabilidade ou de apoio civil.

Na verdade, a concepção das operações no amplo espectro tem por objetivo que a força terrestre esteja permanentemente pronta

para operar, eficiente e eficazmente, em todo o espectro de conflitos, desde as crises nas situações de paz estável, até as operações de guerra de alta intensidade, passando pelas intervenções limitadas, operações de paz, e de guerra irregular.

## ELEMENTOS DAS OPERAÇÕES NO AMPLO ESPECTRO

O conceito das operações no amplo espectro determina o preparo e o emprego simultâneo ou sucessivo para operações ofensivas, defensivas e de estabilidade ou de apoio civil.

### Operações Ofensivas

São as operações de combate conduzidas para derrotar e destruir forças inimigas e garantir o terreno, centros populacionais e seus recursos. Por seu meio, a vontade do comandante é imposta ao inimigo. A experiência tem demonstrado que a ofensiva é o elemento decisivo das operações no amplo espectro. Contra um inimigo capaz e adaptável, as operações ofensivas se constituem no meio mais direto e seguro para a conquista, manutenção e exploração da iniciativa, na consecução de resultados decisivos.

A execução das operações ofensivas pressiona o inimigo a reagir, criando ou revelando suas fraquezas, que podem ser exploradas em sequência. As operações ofensivas, ao colocarem o inimigo na defensiva, criam um ciclo de deterioração que, a curto prazo, poderá levá-lo à desintegração. Exemplo citado no FM 3-0, *Operations*, foi a operação ofensiva desencadeada no início de 2003 (*Iraq Freedom*), que levou, em

curto espaço de tempo, as forças iraquianas convencionais ao colapso e à consequente queda do regime *Baathista*, de Saddam Hussein.

No atual contexto das operações no amplo espectro, as operações ofensivas demandam uma acurada inteligência focada no inimigo, no terreno e condições meteorológicas e nas considerações civis (terreno humano). Num cenário caracterizado pela preponderância das ações de contrainsurreição, as operações ofensivas serão fundamentais para a neutralização de santuários de forças irregulares oponentes. Não raro, contrainsurreições demandam a combinação

de operações ofensivas e de estabilidade. Um exemplo característico, na atualidade, são as campanhas conduzidas por Israel no sul do Líbano contra o *Hezbollah* e na faixa de Gaza contra o *Hamas*.

As tarefas básicas das operações ofensivas são: marcha para o combate; reconhecimento em força; ataque coordenado; aproveitamento do êxito; e perseguição. Suas finalidades são caracterizadas nas

seguintes ações: deslocar, isolar, romper e destruir forças inimigas; conquistar acidentes capitais; negar recursos ao inimigo; desenvolver inteligência; iludir e fingir o inimigo e criar um ambiente seguro para as operações de estabilidade (missão de pacificação). Há que se destacar também, que a principal forma de manobra ofensiva num ambiente operacional não linear e/ou assimétrico, caracterizado pela presença significativa de forças irregulares oponentes, é a infiltração. A experiência vivenciada em diferentes ambientes operacionais

**As ameaças irregulares são aquelas adotadas por um inimigo empregando métodos e meios assimétricos e não convencionais, para fazer face às tradicionais vantagens de um oponente, detentor de um poder de combate significativamente superior.**



demonstra que a infiltração tem sido muito bem sucedida, inclusive nos escalões grande unidade e unidade.

### Operações Defensivas

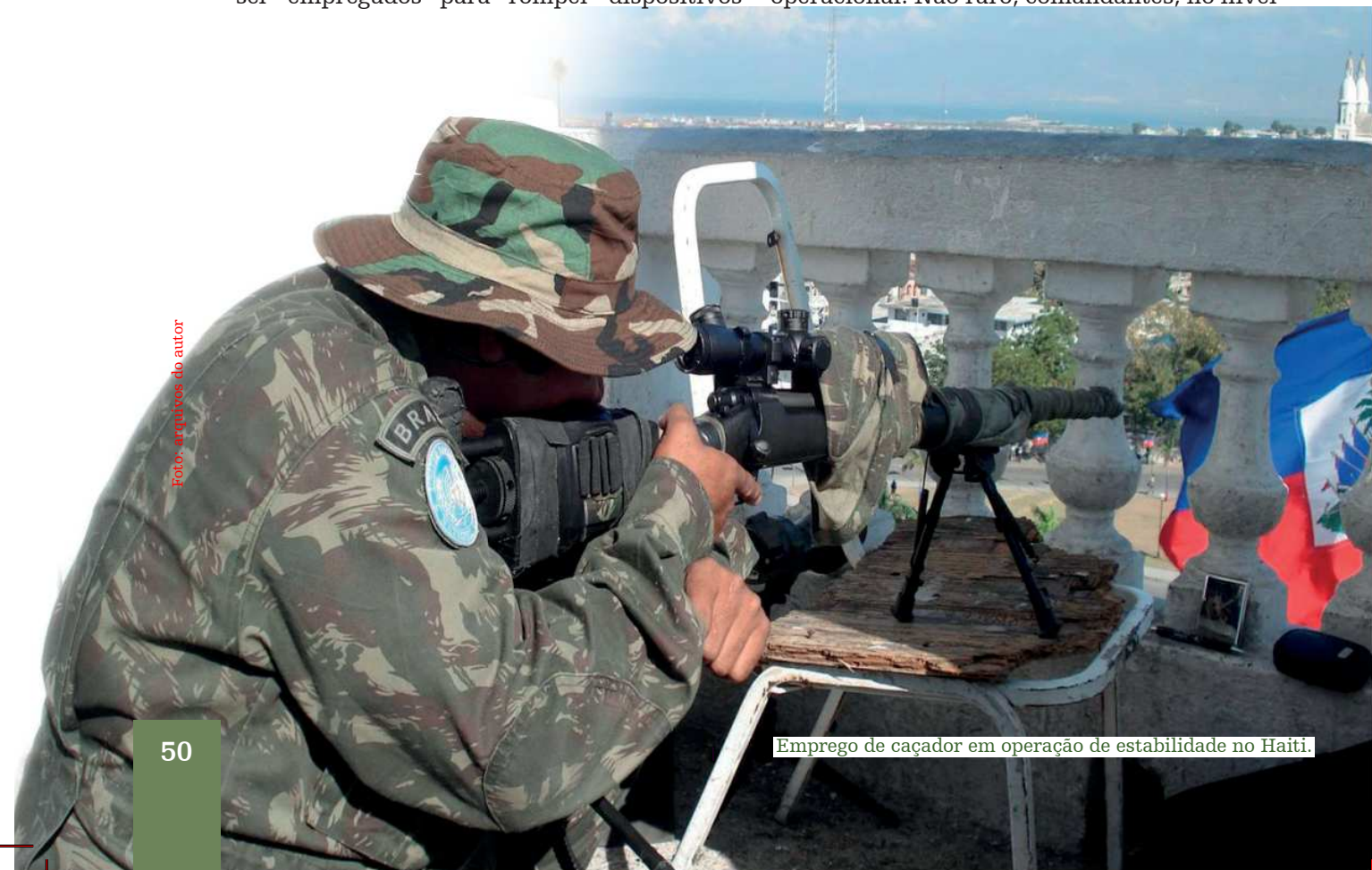
São as operações de combate conduzidas para derrotar um ataque inimigo, ganhar tempo, economizar forças e desenvolver condições favoráveis para uma ofensiva e para as operações de estabilidade. A defesa por si só, via de regra, não alcança objetivos decisivos. Entretanto, é indispensável na criação de condições que permitam o desencadeamento de uma contraofensiva que possibilitará à força terrestre a retomada da iniciativa. As operações defensivas também possibilitam o estabelecimento de uma proteção que permitirá o desencadeamento das operações de estabilidade, nas melhores condições, possibilitando a manutenção do terreno e o controle da população e seus recursos.

Operações defensivas bem sucedidas devem ser agressivas. Todos os meios devem ser empregados para romper dispositivos

inimigos de ataque, isolá-los de seu apoio mútuo, visando a derrotá-los de forma compartimentada. Defensores devem buscar incrementar sua liberdade de manobra, ao mesmo tempo que a negam aos atacantes. Os comandantes defensores devem usar toda oportunidade para atacar, ainda que temporariamente. As ações dinâmicas da defesa (contra-ataques) devem ser exploradas ao máximo. Nesse contexto, na atualidade, emprega-se, com muita propriedade, na defesa de área, a destruição do inimigo pelo fogo em áreas de engajamento (*engagement areas*).

No nível operacional, uma ofensiva inimiga pode compelir forças conjuntas a conduzir operações defensivas de grande porte. Tais operações podem demandar derrotar ou impedir ações ofensivas inimigas através de fronteiras internacionais, neutralizando ataques convencionais ou impedindo a mobilização de um movimento insurgente. Operações defensivas podem ser executadas em qualquer parte da área operacional. Não raro, comandantes, no nível

Foto: arquivos do autor



brigada e até mesmo batalhão, ao fazer face a forças inimigas, em diferentes direções, deverão combinar atitudes (ofensiva e defensiva), repartir meios e dosar esforços nessas direções.

As tarefas básicas das operações defensivas são: defesa em uma ou mais posições (defesa de área e defesa móvel); e movimentos retrógrados (retraimento, ação retardadora e retirada). Fundamentalmente, as finalidades gerais das operações defensivas são caracterizadas pelas seguintes ações: dissuadir ou derrotar operações ofensivas inimigas; ganhar tempo; economizar meios; manter terrenos conquistados; proteger a população, recursos críticos e infraestruturas básicas; e desenvolver inteligência

#### Operações de Estabilidade

São aquelas que compreendem várias missões, tarefas e atividades militares fora do território nacional (dentro dele, identificam-se como operações de apoio civil), em coordenação com outros instrumentos do poder nacional, visando a manter ou restabelecer um ambiente seguro, prover serviços essenciais governamentais, reconstrução da infraestrutura emergencial e prestar assistência humanitária. Dentro do território nacional, não raro, as únicas operações no amplo espectro a serem executadas serão as de apoio civil.

Operações de estabilidade podem ser conduzidas em apoio a uma nação hospedeira ou a um governo provisório; ou como parte da tarefa imposta por uma organização internacional em Estados nacionais, vivenciando crises e/ou conflitos internos com graves reflexos sobre as populações locais (haja vista a MINUSTAH, no Haiti). Além do estabelecimento de um ambiente operacional seguro, possibilitam estabelecer instituições políticas, legais, sociais e econômicas, bem como asseguram a transição para um regime legítimo de governança local. As operações de estabilidade devem preservar a iniciativa,

perseguindo objetivos que neutralizem as causas da instabilidade. Nesse contexto, uma postura ofensiva eminentemente proativa deve preponderar sobre as ações reativas contra as iniciativas hostis. O princípio básico é tomar e manter a iniciativa, o que, via de regra, é missão específica de forças-tarefa letais, integradas por pequenos efetivos, disseminadas por toda a zona de ação.

Indispensável se torna que o estabelecimento da coordenação, integração e sincronização entre elementos da nação hospedeira, outras agências governamentais e as unidades da força terrestre sejam caracterizadas pela transparência e pela credibilidade. A cooperação da nação hospedeira é fundamental; e, nesse contexto, os mandatos legais da força terrestre em presença, conduzindo as operações de estabilidade, devem ter uma ampla divulgação, tanto em nível nacional quanto internacional. O comando responsável, dentro dos limites das operações de segurança, deve manter a população local ciente das técnicas empregadas para prover a segurança e o controle da população e dos recursos.

Ações no terreno reforçadas por mensagens claras e consistentes produzem transparência, a qual reforça a credibilidade. As unidades da força terrestre devem estar perfeitamente orientadas com relação a todas as variáveis do ambiente operacional em presença, particularmente no que se refere ao terreno humano. Nesse contexto, as operações devem ser regidas por regras de engajamento (*rules of engagement*), impositivamente apropriadas ao ambiente operacional e que possibilitem o cumprimento da missão nas melhores condições possíveis, possibilitando a execução das mais diversas tarefas de forma firme, consistente e com o emprego mínimo da força. Tais regras não devem, de forma alguma, contribuir para a redução do poder relativo de combate. Não pode haver dúvidas sobre as capacitações e sobre as intenções da força de estabilidade.

As tarefas primárias de estabilidade são: segurança pública (salvaguarda a população das ameaças interna e externa); controle civil (regula o comportamento e as atividades de indivíduos e grupos); restauração de serviços essenciais (atividade destinada a possibilitar que a população viva com riscos aceitáveis à sua saúde e bem-estar); apoio de governança (exercício das funções de definição de impostos, distribuição do apoio de saúde, manutenção da segurança pública, e normalização do processo de transmissão do poder político em todos os níveis); apoio ao desenvolvimento econômico e restauração das infraestruturas básicas (assistência militar direta ou indireta ao desenvolvimento, a longo termo, das infraestruturas essenciais básicas e à atividade econômica nacional, regional e local).

As finalidades a serem atingidas na execução destas tarefas são: proporcionar um ambiente seguro; assegurar áreas específicas do terreno; prover as necessidades críticas da população; ganhar o apoio para o governo da nação hospedeira; e formatar o ambiente de modo a proporcionar as melhores condições entre o esforço interagências e a nação hospedeira.

### PREPARO DOS QUADROS E DA TROPA

O caráter e a competência dos quadros continuam sendo o fundamento básico de uma força terrestre pronta, adestrada e baseada em valores afetivos, particularmente, em ambientes operacionais arriscados, difusos, controversos e altamente complexos.

Os comandantes e a tropa devem estar muito bem adestrados para as operações ofensivas e defensivas. No que se refere às operações de estabilidade ou de apoio civil, devem estar excepcionalmente adestrados nas operações contra forças irregulares: interdição do apoio externo; controle da população e recursos; operações tipo polícia; restauração das infraestruturas básicas e assistência humanitária; e nas operações de combate: contraguerrilha, antiterrorismo e contraterrorismo. O programa de

adestramento nos diferentes escalões deve intensificar que tais operações ofensivas, defensivas, de estabilidade e/ou de apoio civil, muito frequentemente, serão planejadas e executadas simultaneamente. Especial atenção deve ser dada ao combate noturno (*combat at night*) e às operações militares em terreno urbano (*military operations in urban terrain*).

Comandantes em todos os níveis devem exercer sua liderança de modo a passar aos seus subordinados a capacitação de desenvolver tarefas, operando isolados ou em grupos. O planejamento centralizado e a execução altamente descentralizada deverão ser cultivados com especial atenção no adestramento. Para tanto, necessário se torna o desenvolvimento da habilidade de estar em condições de exercer um julgamento maduro e tomar a iniciativa sob condições de alto nível de tensão. Mais do que nunca, a Força Terrestre necessita de líderes ágeis e altamente adaptáveis, em todos os escalões, capazes de gerenciar os desafios das operações no amplo espectro, numa era caracterizada por persistentes conflitos irregulares assimétricos. Um simples cabo comandante de esquadra ganhou uma dimensão nova e, hoje, está sendo conhecido internacionalmente como *strategic corporal*, em função das repercussões geopolíticas estratégicas que suas iniciativas positivas ou negativas, transmitidas em tempo real, ao vivo e em cores, podem provocar nacional e internacionalmente.

Tais líderes devem ser: proficientes nas suas competências básicas; flexíveis o suficiente para operar ao longo de todo o espectro de conflitos; capazes de operar com organizações militares e civis num ambiente multinacional, multidisciplinar, interagências, de operações conjuntas e combinadas; capazes de incrementar a capacitação de outras agências, inclusive não governamentais e civis, para atingir seus objetivos; culturalmente astutos e capazes de usar todo o seu conhecimento e entendimento para conduzir operações altamente criativas; corajosos o suficiente para visualizar e

aproveitar oportunidades em ambientes operacionais complexos e desafiadores; e extremamente motivados pelos valores mais anímicos de sua instituição.

Comandantes em todos os níveis são os principais responsáveis para que seus subordinados operem dentro das regras da lei. Nesse contexto, quando em missões internacionais, devem transmitir aos seus subordinados o que regem os tratados e acordos internacionais em presença. Todos os profissionais devem ter em mente que a chamada Lei da Guerra tem como finalidades: proteger tanto os combatentes quanto os não combatentes de sofrimentos desnecessários; salvaguardar os fundamentos básicos dos direitos humanos daqueles indivíduos que venham a se tornar prisioneiros de guerra, feridos, doentes e dos civis não combatentes, em particular; e, assim, facilitar a transição para a paz.

Comandantes em todos os níveis, exercendo sua liderança, devem dominar as técnicas do interrogatório sumário, aplicado a elementos regulares ou irregulares oponentes (a mais valiosa fonte de informações em ambientes operacionais dessa natureza), imediatamente após sua captura. A pressão psicológica a ser aplicada, nessa oportunidade, não pode ser confundida com a exacerbação dos excessos. Uma vez infrutífero o interrogatório sumário, os elementos capturados devem ser encaminhados ao escalão superior.

### A RELEVÂNCIA DAS FORÇAS DE OPERAÇÕES ESPECIAIS (FOpEsp)

“Não seja proativo e você sangrará ferido por mil estocadas!” *Admiral William McRaven*, Cmt do Comando de Operações Especiais dos Estados Unidos (*United States Special Operations Command - USSOCOM*), em depoimento perante a Comissão de Defesa Nacional do Senado dos EUA, em 6 de março de 2012.

Na atualidade, em cenários dessa natureza, seja num teatro de operações (TO), seja num comando conjunto (CCj), além das tradicionais força terrestre, força aérea e

força naval componentes, impositiva se torna a ativação de uma força de operações especiais componente. Esta, via de regra, organizará para o combate uma ou mais forças-tarefa conjuntas de operações especiais (FTCjOpEsp). Determinadas situações, inclusive, demandam Forças-Tarefa Combinadas Conjuntas de Operações Especiais (FTCCjOpEsp). As FOpEsp possuem a capacidade singular de cumprir missões, sobreviver e operar, em ambientes longínquos e hostis, com um mínimo de direção e apoio, por meio de ações cobertas, clandestinas e de baixa visibilidade, com elevado valor estratégico. Capacitações ímpares que tornam as FOpEsp responsáveis para impedir que as crises escalem para os conflitos, o que constitui, hoje, sua missão prioritária e que lhes impõem a relevante condução das ações principais a realizar em ambientes operacionais dessa natureza.

As operações especiais possuem três pilares básicos que expressam suas principais capacidades operacionais. São as ações diretas, ações indiretas e o reconhecimento especial. A aproximação direta é caracterizada pela letalidade tecnologicamente precisa das pequenas frações, uma inteligência focada e uma cooperação multidisciplinar interagências integrada num ambiente operacional rede-cêntrico digital. Táticas, técnicas e procedimentos (TTP) eminentemente proativos tornam-se essenciais, o que demanda uma permanente busca pela manutenção da iniciativa. Bem menos conhecida, mas decisiva na sua importância, a aproximação indireta é o elemento fundamental capaz de neutralizar os componentes sistêmicos das ameaças. Para tal, há que se destacar a expertise das forças especiais no que se conhece como domínio humano (*human domain*) - totalidade dos ambientes físico, político, cultural e social dentro de uma área conflitada. Expertise que lhes confere um preparo otimizado para o exercício das ações não convencionais (*unconventional warfare*), desde o estabelecimento

do *rapport*, isto é, a empatia e o clima de confiança na comunicação pessoal estabelecida pelos destacamentos operacionais de forças especiais (DOFEsp) com células constituídas por elementos selecionados da população que integrarão o comando de área a ser estabelecido, até o preparo e emprego de uma força subterrânea (componente sigiloso das forças irregulares, hoje, predominante sobre as forças de guerrilha e de sustentação). Uma cerrada integração e sincronização entre as aproximações direta e indireta constitui-se num fator impositivo para o êxito das operações especiais.

O reconhecimento especial se caracteriza pela ação dos DOFEsp e/ou destacamentos de ações de comandos (DAC) infiltrados em território negado, hostil ou sob controle das ameaças em presença; materializando-se pelas ações cobertas, sigilosas e de baixa visibilidade, tendo como missão principal um complexo e detalhado levantamento de

inteligência, identificado como levantamento estratégico de área (LEA), sempre efetuado em proveito do maior escalão em presença. Esse LEA, via de regra, pode ser imediatamente aproveitado na execução de ações diretas sobre um ou mais alvos de alto valor estratégico, destacando-se as lideranças das forças regulares e irregulares inimigas. A integração entre um DOFEsp e um DAC, comum em áreas operacionais de guerra irregular (AOGI), é identificada como destacamento de ação imediata (DAI).

Há que se considerar também outra expertise extremamente valiosa das FOpEsp, que se refere à prevenção e combate ao terrorismo e à violência extremista. Devidamente adestradas nas atividades básicas dessa complexa missão (inteligência, antiterrorismo, contraterrorismo e administração de consequências), as FOpEsp tornam-se um excepcional instrumento das funções de combate – comando e controle, manobra e mobilidade,

Foto: arquivos do autor



e inteligência, para o mais alto escalão em presença. Na atualidade, essa expertise se fundamenta, sobretudo, na concepção (em vigor nos cinco continentes) do contraterrorismo proativo, na qual, há que se neutralizar as células terroristas antes que atinjam os seus objetivos almejados, preferencialmente, ainda na sua área de homizio (*stop terrorists before they strike!*). Essa é uma diretriz globalmente consensual a ser seguida, seja em presença da ameaça de um atentado isolado ou, na pior hipótese, numa sequência de atentados terroristas a serem desencadeados em diferentes sítios, simultaneamente. Este cenário demanda positivamente o desdobramento de mais de um destacamento contraterrorismo (DCT), no que se identifica como campanha de contraterrorismo. A proatividade exige que as FOpEsp e os elementos de inteligência estejam em perfeita sintonia para que os elementos essenciais de inteligência (EEI) e outras necessidades de inteligência (ONI) sejam eficientes e eficazmente levantados e explorados na neutralização da ameaça terrorista.

#### CONCLUSÃO: REFLEXOS NO BRASIL

Indubitavelmente, na atualidade, as operações no amplo espectro estão polarizando o preparo e o emprego das forças terrestres, nos cinco continentes. No Brasil, após uma sequência de atividades muito bem conduzidas em termos de planejamento e execução, podemos afirmar que atingimos o estado da arte. Nesse contexto, desde 2012, o Comando da 2ª Divisão de Exército (2ª DE), sediado

em São Paulo/SP, a partir de uma pesquisa e um desenvolvimento científico-tecnologicamente construídos, estabeleceu dois tipos de exercícios táticos de adestramento. O primeiro deles, a Operação Poço Preto, de caráter eminentemente preparatório, tinha como objetivo ambientar preliminarmente os quadros e a tropa das suas duas grandes unidades subordinadas – a 11ª Brigada de Infantaria Leve (11ª Bda Inf L), sediada em Campinas/SP, e a 12ª Brigada de Infantaria Leve (Aeromóvel) [12ª Bda Inf L (Amv)], sediada em Caçapava/SP. O segundo era um exercício tático típico

**Essa expertise se fundamenta, sobretudo, na concepção do contraterrorismo proativo, na qual, há que se neutralizar as células terroristas antes que atinjam os seus objetivos almejados, preferencialmente, ainda na sua área de homizio (*stop terrorists before they strike!*).**

do período de adestramento avançado (PAA), a Operação Agulhas Negras, em que ambas as brigadas subordinadas eram desdobradas no terreno (Vale do Paraíba), e criteriosamente avaliadas no cumprimento de missões típicas das operações no amplo espectro, em cenários irretocáveis altamente realísticos (inclusive com uma entusiasmada participação de organismos estatais, municipais e não governamentais), fundamentados nas hipóteses de emprego (HE) da Conceção Estratégica da

Força Terrestre (SIPLEx 4). Essa metodologia foi aplicada por aquele grande comando divisionário às suas duas brigadas subordinadas durante os anos 2012, 2013 e 2014, numa sequência crescente de otimização técnico-profissional, culminando em resultados realmente significativos.

Acrescente-se que após a assinatura de um contrato de objetivos conduzido pelo Comando de Operações Terrestres (COTER), a Brigada de Infantaria Paraquedista (Bda Inf Pqdt) foi inserida no projeto, tendo nos

anos de 2013 e 2014, um de seus Batalhões de Infantaria Paraquedista (BI Pqdt) diretamente envolvido, com excelente rendimento. O Comando de Operações Especiais (COEsp) esteve sempre presente nos três anos, pelo menos com um DOFEsp e um DAC, cujas profícuas participações agregaram aspectos altamente positivos em termos de ensinamentos colhidos. O Comando de Aviação do Exército (CAvEx) também esteve sempre presente com um bom número de suas aeronaves de asa rotativa de diferentes matizes. A III Força Aérea (III FAe) também se fez presente com oficiais de seu comando e com suas aeronaves de caça AT-29A Super Tucanos, conceituadas internacionalmente como as mais eficazes aeronaves de ataque contra insurreição do mundo, possibilitando que o realismo dos eventos em presença fosse ainda mais implementado.

No seu PAA dos anos de 2013 e 2014, a Bda Inf Pqdt realizou duas de suas tradicionais Operações Saci, tendo como cenário as operações no amplo espectro, oportunidades em que também contou com a profícuas presença de destacamentos do COEsp; de helicópteros do CAvEx; e de aeronaves de

lançamento C-130, da V FAe.

Nesse período, há que se reconhecer que o Comando da 2ª DE, as 11ª, 12ª Bda Inf L (Amv), a Bda Inf Pqdt e o COEsp transformaram-se em excepcionais vetores de modernidade para a Força Terrestre, inclusive, porque todos os ensinamentos colhidos pelas diversificadas organizações militares e civis participantes foram criteriosamente compartilhados com a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), a 3ª Subchefia do Estado-Maior do Exército (EME) e o COTER, sempre presentes com seus observadores.

Conclusivamente, este projeto foi coroado de êxito, o que mais uma vez demonstrou que, mesmo com uma conjuntura econômico-financeira altamente perversa, os elevados padrões de competência e motivação característicos dos desempenhos dos profissionais integrantes dos nossos diferentes grandes comandos divisionários, grandes unidades e unidades, em todos os níveis, propiciaram um magnífico resultado final.

## REFERÊNCIAS

- 2ª DE, 11ª Bda Inf L, 12ª Bda Inf L (Amv), Bda Inf Pqdt, COEsp, e CAvEx. **Operação Agulhas Negras.** 2012/2013/2014.
- Bda Inf Pqdt, COEsp e CAvEx. **Operação Saci.** 2013/2014.
- BLABER, Pete. **The Mission, the Men, and Me.** 2013.
- HANEY, Eric L. and THOMSEN, Brian M. **Beyond Shock and Awe: Warfare in the 21st Century.** 2012.
- HOWE, Paul R. **Leadership and Training for the Fight.** 2009.
- MAURER, Kevin. **Gentlemen Bastards: on the Ground in Afghanistan with America's Elite Special Forces.** 2013.
- PINHEIRO, Gen Alvaro de Souza. **As Ambiguidades Estratégicas da Violência Extremista e do Conflito Irregular Assimétrico do Século XXI.** Estado-Maior do Exército, Doutrina Militar Terrestre em Revista, 3ª Ed, Jul a Set 2013.
- \_\_\_\_\_. **Irregular Warfare: Brazil's Fight Against Criminal Urban Guerrillas.** Joint Special Operations University (JSOU) Report 09-8, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Knowing Your Partner: the Evolution of Brazilian Special Operations Forces.** Joint Special Operations University (JSOU) Report 12-7, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Narcoterrorism in Latin America: A Brazilian Perspective.** Joint Special Operations University (JSOU) Report 06-4, 2006.

\_\_\_\_\_. **Operacionalizando o Comando e Controle no Combate ao Terrorismo Onze Anos após O9/11; Reflexos no Brasil.** Estado-Maior do Exército, Doutrina Militar Terrestre em Revista, 1ª Ed, Jan a Mar 2013.

SCAHILL, Jeremy. **Dirty Wars: The World is a Battlefield.** 2013.

TOFT, Ivan Arreguín. **How the weak win wars: a Theory of Asymmetric Conflict.** Cambridge Studies in International Relations, 2012.

US ARMY, FM 3-0. **Operations.** 2008.

USA, Chairman of Joint Chiefs of Staff. **Quadrennial Defense Review.** 2014.

YARGER, Harry R. **Building Partner Capacity.** Joint Special Operations University (Jsou) Report 15-1, 2015.

Nota do editor: o Manual de Fundamentos EB20-MF-10.103 Operações, 4ª Edição, 2014, aprovado pela Portaria nº 004-EME, de 9 de janeiro de 2014, classifica as operações em OFENSIVAS, DEFENSIVAS, de PACIFICAÇÃO e de APOIO A ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS.

